

HEGEL, LEITOR DE BOEHME

Francisco José da Silva¹

Resumo: O presente artigo procura seguir algumas referências dadas por Hegel que permitem considerar a profunda influência sofrida por este filósofo pelo pensador alemão Jacob Boehme (1575-1624), o qual é conhecido como um místico cristão muito importante para todo o Idealismo Alemão. Boehme em sua teologia absorve a figura do mal em Deus como algo necessário e que faz parte de sua natureza como um espelho, além disso, ele entende a Trindade de Deus como algo dinâmico e imanente a todos os seres. Procuramos neste sentido revelar a influência exercida em Hegel por Boehme, denominado por ele de ‘*príncipe dos filósofos teutônicos*’ ou aquele que revelou o verdadeiro ‘espírito alemão’ em suas obras espirituais. Essa influência será destacada por nós através de seu conceito Deus enquanto Trindade.

Palavras-chave: Filosofia especulativa – Mística - Trindade – Idealismo alemão.

Abstract: The present article try to search some references given by Hegel that allow us to consider the deep influence suffer on his way of thinking by the german thinker Jacob Boehme (1575-1624), who is known as Christian mystic, his philosophy was very important to all German Idealism. Boehme, in his Theology, thinks Evil as something that makes part of the nature of God, it is like a mirror for him. He understands the Trinity of God as something dynamic and immanent to all beings. We will search to reveal the influence of Boehme in Hegel’s philosophy, called by him as “*the prince of german philosophers*”, or who that reveals the real ‘*german spirit*’ in his spiritual works. This influence is well known through his concept of God and Trinity.

Key words: Speculative philosophy – Mystic – Trinity – German Idealism.

¹ Prof. Me em Filosofia (UFC) , E-mail: filosofranz@cariri.ufc.br

“Por que as mesmas figuras e formas que nas obras de Boehme enchem-me de admiração e espanto, nos escritos de Hegel me parecem insuportáveis e ridículas? Por que nos escritos de Boehme o conhecimento da verdade eterna fala a cada página”. Artur Schopenhauer.

Introdução

É interessante notar na epígrafe acima que, o filósofo Schopenhauer coloca em oposição Boehme e Hegel, o primeiro um místico, e o segundo, um filósofo, ambos luteranos, ambos considerados autores difíceis, em especial por suas linguagens herméticas e até certo ponto inacessíveis, embora profundamente influentes no curso posterior a suas vidas.

O filósofo de Danzig não percebeu, porém, o quanto estes dois pensadores têm em comum e o quanto suas ideias são próximas em relação a conceitos como o de Trindade e o da realidade do Mal. Talvez ele não tenha percebido ainda o quanto a linguagem mística de Boehme e o uso metafórico e analógico de termos retirados do saber naturalista e até alquímico, revelam uma compreensão da realidade que se tornou influente entre os maiores expoentes do Idealismo Alemão, tais como Novalis, Schelling e Hegel. Hegel, por exemplo, teve que se debater com os termos difíceis e rigorosos da lógica e da filosofia especulativa para exprimir aquilo que o sapateiro de Gorkitz apresenta de maneira aparentemente simples, mas com uma riqueza de conteúdo inigualável, ao revelar os arcanos do mundo natural e espiritual como um sistema interligado perpassado por uma dinâmica interna.

Pretendemos neste breve artigo encontrar elementos que nos permitam entrever as linhas fundamentais da influência exercida por Jacob Boehme sobre o pensamento de Hegel, em especial a ideia de Deus Trindade como uma característica fundamental da realidade intrínseca a este Deus.

A ideia de Trindade

A Trindade sempre foi uma questão problemática mesmo no cristianismo, tendo sido inclusive difícil para os autores dos primeiros séculos da nova religião determinar os atributos desta nova compreensão da divindade. Considera-se que Tertuliano (séc.II) tenha sido o primeiro a utilizar o termo, o qual foi desenvolvido posteriormente por Hilário de Poitiers (séc.IV), Agostinho (séc.V) e Tomás de Aquino (séc.XIII). Na modernidade, Hegel (1770-1831) será um dos filósofos mais preocupados em compreender Deus como Trindade, a ponto de estabelecer esta ideia como ponto central para a compreensão da personalidade divina. A concepção trinitária de Deus em Hegel tem como uma de suas fontes primordiais o pensamento do sapateiro de Goerlitz, Jacob Boehme (1575-1624), um dos maiores pensadores místicos de todos os tempos. Hegel foi influenciado pela sua original concepção de Trindade como uma realidade dinâmica², onde o mal aparece não como uma força independente, como no maniqueísmo, mas como uma realidade intrínseca à natureza divina.

Jacob Boehme é, dos místicos alemães, o que maior influência exerceu sobre o pensamento de Hegel³, sendo chamado por ele de “*o príncipe dos filósofos germânicos*”.⁴ Boehme nasceu em Alt-Seidenberg, em 1575, de família humilde tendo peregrinado a procura de trabalho manual até se estabelecer em Goerlitz, em 1594, e aí viveu até sua morte em 1624. A hostilidade da ortodoxia luterana não tirou a paz da alma certa de sua missão. Teve uma revelação em 1600 que não divulgou até que em 1610 passou a escrever sua primeira obra *Aurora nascente*, a qual descreve toda sua compreensão da criação divina, a queda do homem e os elementos que compõem a realidade. Suas principais obras são: *A Aurora nascente* (Morgenröte im Aufgang, 1612), *Os três princípios da essência divina* (Beschreibung der Drei Göttliches Wesens, 1619), *Misterium Magnum* (1623), *A Signatura das coisas* (De Signatura Rerum, 1621), entre outras⁵.

A importância de Boehme, para o pensamento germânico em geral, e em especial de Hegel, como já dissemos, liga-se à sua compreensão da Trindade, do Verbo divino e da

2 Cf. Boehme, J. A. *Aurora nascente*, tradução brasileira Américo Sommerman, São Paulo, Paulus. 1998. Cf. também: Boehme, J. *Scritti di religione*, a cura de A.Banfi, Sear, Itália.1989.

3 Haldane,E.S. *Jacob Boehme and his relation to Hegel*, in: *Philosophical Review* VI, 1897, p.146 segs.

4 "Seria preciso ligar Hegel à tradição teológica de que depende, e que foi estudada recentemente por E. Benz, R. Schneidder e G. Rohrmoser, como seja a teologia luterana de Oetinger (...), Bengel, e, bem mais fundamentalmente Boehme que, com sua concepção de um Deus animado de uma dialética interior, é o herdeiro de uma velha tradição." In:VV.AA. *Hegel e o pensamento moderno*, p. 252.

5 Para uma relação das obras de Jacob Boehme ver a tradução de Americo Sommermann, Boehme, J. *A Sabedoria Divina*, São Paulo, Attar editorial.1998.

realidade do Mal. Ele entende tanto a religião, como a mística, de forma mais profunda e ampla, ou seja, como algo ontológico e que está intimamente relacionado com a razão, Deus, para ele, é processo, não um ser estático e transcendente ao mundo, mas um ser que se revela na história e na natureza. O Deus de Boehme é um ser pessoal que tem o mal como um princípio interior de sua ação, vale ressaltar que a figura de Lúcifer é apresentada como o primogênito de Deus, mas que após sua rebelião foi substituído pelo Verbo, Jesus Cristo. A Trindade na filosofia boehmeniana está vinculada a uma idéia já presente em Agostinho de Hipona, pois segundo o bispo africano, a Trindade divina está presente como uma imagem em todas as coisas (AGOSTINHO, 1994).

O pensamento de Boehme é profundamente místico e simbólico e, ao mesmo tempo é marcado por simplicidade e complexidade, simplicidade em relação às formas de expressão que se ligam aos elementos naturais, complexidade na medida em que as formas aparentemente simples escondem uma simbologia muitas vezes difícil de alcançar.

Como afirma o próprio Boehme:

Sobre isso, por causa de minha imbecilidade, de meus poucos estudos e da incapacidade de minha língua, sou muito insuficiente, sou menos que nada; mas não sou tão nulo em meus conhecimentos. Só não posso expô-los com linguagem elegante e rebuscada, mas me contento com meus dons e sou um filósofo para os simples.” (BOEHME, 1998 a, p.281).

Essa linguagem e filosofia para os simples resultam de uma experiência mística, que se expressa em formas lingüísticas as quais ele denomina a “*língua da Natureza*” (BOEHME, 1998 a, p.119), uma espécie de língua arquetípica, anterior a todas as outras, que se expressa como as sete qualidades ou espíritos-fonte: adstringente, doce, amarga, calor, amor, som e a corporalidade, as quais se manifestam nas três gerações. Apesar de tudo, Boehme encontrou na linguagem certa dificuldade para expressar seus conceitos, os quais nos parecem um tanto estranhos e bárbaros muitas das vezes, pois esta mesma linguagem é limitada ao tentar exprimir realidades inefáveis e inapreensíveis pelo intelecto, estas dificuldades serão inevitáveis toda vez que nos depararmos com a obra de Boehme, mas são apenas alguns conceitos que tentaremos expor sem nos determos em tais detalhes.

Segundo Antonio Banfi, em seu comentário aos *Scritti di religione* de Boehme:

O pio sapateiro de Goerlitz traz o material de sua visão do mundo em parte dos livros santos e da tradição teológica dogmática em parte dos escritos teosóficos e da filosofia natural de Paracelso e de Valentin Weigel, mas o

princípio no qual o caos confuso e contraditório do seu saber se unificou em significado preciso e profundo foi a experiência mística interior (BOEHME, 1989, p.15).

Entre as fontes para a compreensão da filosofia de Boehme está a Alquimia, a Astrologia e a Cabala, e entre os autores que o influenciaram destacamos a figura de Paracelso (1493 - 1541). O pensamento de Paracelso exerceu influência no pensamento de Boehme principalmente no que diz respeito à linguagem usada, profundamente hermética, onde se procura falar do Mistério que subjaz à natureza e que só é explicitado na Alquimia, na Astrologia, na Teosofia, na Cabala, na Teologia e na Filosofia, enquanto estas ciências desvendam os arcanos da natureza.

Em relação à revelação divina citemos o próprio autor de *Aurora nascente*:

Do mesmo modo nós devemos compreender a revelação divina. Pois que todas as coisas têm seu principio na emanação do querer divino, seja o bem ou o mal, o amor e a dor... Mas da emanação da palavra, na Sabedoria divina, no *Misterium Magnum*, no qual o eterno intelecto é determinado, provém a inteligência e a consciência. (BOEHME, 1989, p.10).

Segundo Boehme, Deus é um ser dinâmico que está presente em toda a sua criação como um todo que dá sentido às partes, ele é o fundamento escondido do real, o *Deus desconhecido* como diria Paulo (Atos 16,23), ou ainda o *Deus absconditus* segundo Lutero, ele é o fundamento da Natureza e das criaturas, que em tudo refletem sua soberania e magnificência. Para ele, Deus é o Uno eterno, em si mesmo, mas sob a forma de uma Trindade, a qual se revela e se manifesta na criação através de sua Palavra eterna, o Verbo, da qual derivam todos os seres. Este revelar-se de Deus necessita de uma oposição algo que se ponha adiante, sem o qual não haveria sensação, vontade, ação, intelecto e ciência e daí surge o problema do Mal enquanto separação e oposição.

Para o autor de *Aurora*, tanto o querer mal quanto o bom está presente em todas as coisas, mas é pelo Verbo divino (Cristo) que Deus revela sua vontade, assim “*a emanação do Uno divino é a Palavra ou Deus mesmo como própria revelação*”, que assumiu a condição humana em sua totalidade. A contrapartida desta vontade de Deus é o “*outro de Deus*” o “*Separador*”, ou Lúcifer, contudo este não é de todo negativo, pois “*o Mal ou a vontade contrastante produz o bem como a vontade de retornar ao seu principio originário, a Deus, e faz com que o bem se torne ativo como boa vontade*”. (BOEHME, 1989, p.12).

Estas reflexões sobre o caráter da Vontade divina e o Mal em contraposição a esta nos deixam perplexos, pois como o Mal poderia ser princípio de negatividade e ao mesmo tempo produzir o bem? Como conciliar uma essência boa e má em Deus ao mesmo tempo?

Tais questões deixam apenas entrever a heterodoxia das concepções do sapateiro de Goerlitz, e a razão pela qual este foi perseguido pelos ortodoxos, mas mesmo assim não fugiu de suas intuições e convicções. Hegel não deixou de reconhecer a profundidade do místico Boehme e sua visão especulativa de Deus foi evidentemente importante na formação deste e em sua visão da Trindade:

A este espírito poderoso atribui-se com razão o nome de ‘philosophus teutonicus’; por um lado, alargou o teor da religião para si até a idéia universal; concebeu no mesmo teor os mais elevados problemas da razão e tentou apreender o espírito e a natureza nas suas esferas e configurações mais determinadas, ao fundar-se no princípio de que o espírito humano e todas as coisas foram criados à imagem de Deus e, claro está, de mais nenhum outro do que o Uni trino (HEGEL, 1970, p.55).

Ainda segundo Hegel, em Boehme encontramos o “*caráter alemão*”, ou seja, aquilo que possibilitou a ele como também a Lutero e ao próprio Hegel compreender a tarefa especulativa de unir os opostos como faz a filosofia especulativa. Como foi destacado por Hegel, neste mesmo texto, porém mais adiante, Boehme usou termos retirados das coisas naturais para compreender as mais altas manifestações do espírito, o que deu um caráter de violência e arbitrariedade a suas especulações impossibilitando-o de uma melhor expressão dessas realidades espirituais. Novamente com relação ao problema do Mal, podemos ver que Boehme tem uma concepção singular que aponta para uma idéia de que há uma interligação entre os princípios, o qual lhes permite serem compreendidos a partir da Totalidade.

A Trindade ocupa um espaço destacado no sistema filosófico-religioso de Boehme, que é apresentada da seguinte forma por Américo Sommermann: “*A Vontade do Sem-fundo (Ungrund) de revelar-se e conhecer-se. A primeira determinação do Indeterminado. A esta primeira Vontade Boehme chama Deus-Pai*” (BOEHME, 1998 a, p.16). Essa Vontade ‘Sem-Fundo’ nos remete à representação religiosa de Deus Pai, pensado na filosofia de Hegel como uma universalidade abstrata, algo sem determinação, que por isso mesmo precisa se determinar, ou seja, encontrar-se em algo dado concretamente no qual ele se espelha, este é representado no Filho. O Pai na sua universalidade determinada determina-se no Filho, enquanto consciência de si.

A passagem da indeterminação da universalidade, da representação do Pai, se dá na encarnação do Filho, a segunda Pessoa da Trindade. Nele Deus se determina, se torna consciente de si, se manifesta para consciência enquanto reflexão de si mesmo, daí a imagem do espelho, da contemplação de si no outro. “*A apreensão da Vontade num Centro, através do qual Deus contempla no espelho da eternidade do Sem-fundo. Este centro é o seu coração ou Deus-Filho*” (BOEHME, 1998 a, p.16).

Este centro onde a Vontade divina se encontra é Deus Filho, a presença sensível de Deus, enquanto determinado, é Deus que se nega enquanto universalidade e se particulariza numa determinação natural, um homem singular, Jesus Cristo. Em Cristo, porém ainda não se dá a universalidade do espírito divino enquanto concreto, mas apenas na singularidade da pessoa de Jesus. É necessário, pois, que este seja suprasumido pela comunidade e se torne tudo em todos.

Por fim, Deus se torna universalidade concreta, ele é espírito, auto-revelação, ele é representado na forma de Espírito Santo.

A exalação da Vontade, Deus Espírito Santo, raiz do movimento eterno, que exprime e diferencia as idéias ou potencialidades da Sabedoria divina, apreendidas e contempladas pelo Filho, tornando assim a Sabedoria oculta e indiferenciada, manifesta e diferenciada (BOEHME, 1998 a, p.16).

A maneira poética com que Boehme se expressa ao falar da Trindade é bem diversa da forma puramente racional com que Hegel a descreve, porém está na base de seu pensamento essa perspectiva mística de Boehme, bem como sua visão ontológica de cada pessoa componente desta unidade divina, entretanto as dificuldades na apreensão da linguagem hegeliana não estão contidas na forma conceitual com a qual ele se exprime, dificuldades estas que também podemos encontrar em Boehme, especificamente quando fala das qualidades como o doce, o amargo, etc. Em ambos autores podemos perceber a preocupação em ser rigorosos em relação a maneira de apresentar a essência divina.

O filósofo alemão Hegel (1770-1831) pode ser considerado um dos maiores pensadores de todos os tempos, seu sistema busca dar conta da realidade como um todo sistemático e orgânico que se desenvolve a partir da resolução de oposições inerentes a mesma. Entre as grandes influências exercidas sobre seu pensamento está a religião cristã, desde sua formação como seminarista em Tübingen, quando escreveu suas ‘obras

*teológicas de juventude*⁶ até sua maturidade, quando esta religião passou entendida por ele, em especial nas *Lições de Filosofia da Religião* (1824), como uma religião absoluta, que seria como uma síntese de todas as anteriores. A religião cristã é a unidade entre a religião da determinação (ou da natureza) e a da individualidade espiritual (monoteísta e politeísta), ela é absoluta, pois nela Deus é concebido como "*espírito e verdade*", como o Absoluto (HEGEL, 1984). O cristianismo surge na época do império romano e realiza interiormente a liberdade tão preconizada pelos gregos, mas que era apenas uma liberdade de alguns, como dirá Hegel nas *Lições sobre Filosofia da História*, com o cristianismo, pois, a liberdade alcança sua realidade ⁷.

A história do cristianismo confunde-se com a história do progresso da liberdade no momento de sua realização pelo mundo germânico, porém para que isso chegue a sua plena verdade é preciso que se atravesse por uma série de acontecimentos os quais servirão como preparação para isso, assim, pois a perseguição dos cristãos pelos imperadores romanos, a ascensão de Constantino, as invasões dos povos germanos a idade média, o renascimento e por fim a reforma luterana.

Hegel vê no fim do mundo romano e no surgimento do cristianismo um momento decisivo no desenvolvimento da história:

Toda a situação assemelha-se, por isso, à hora do parto, e a dor, às dores do parto de um outro espírito, superior, manifesto na religião cristã (...). O objeto absoluto, a verdade, é o espírito; e já que o próprio homem é espírito, ele se torna presente nesse objeto e encontra em seu objeto absoluto a essência e a sua essência. (HEGEL, 1998, p.271).

Como vemos pela citação acima o cristianismo inaugura uma nova etapa no desenvolvimento do Espírito (Deus), isto é, o momento em que este poderá conceber a si mesmo em sua forma específica que é espiritual. A religião cristã é em si mesma a manifestação dessa forma espiritual de conceber o Absoluto, muito embora ainda numa forma não totalmente espiritual, uma vez que o que caracteriza a religião é a representação deste Absoluto. É neste sentido que a religião ainda não alcança a forma própria que é a forma conceitual.

⁶ Entre elas destacamos *A Vida de Jesus, A Positividade da religião cristã (escritas em Berna, entre 1795-1797)* e *O Espírito do cristianismo e seu destino (do período de Frankfurt, 1797-1799)*. Denominam-se escritos teológicos, muito embora tais obras tenham caráter mais político que propriamente teológico. Cf. Hegel, G.W.F. *Escritos de Juventud*. Tradução Zoltan Szankay e José Maria Ripalda, México: Fondo de Cultura Económica. 1998.

⁷ Cf. Hegel, G.W.F. *Filosofia da História*, tradução brasileira Márcia Rodrigues e Hans Harden, 2ª edição, Brasília, Edunb, 1998.

Além desta característica temos ainda outra, que é decisiva para esta compreensão de Deus, que é a idéia de Trindade. Deus é concebido como Uno, mas em relação imanente consigo mesmo nas pessoas do Pai, Filho e Espírito Santo. Esta idéia torna-se o centro a partir do qual se pode pensar Deus como um ser que se revela e, que entra em mediações consigo mesmo.

Ainda segundo Hegel:

Deus só é reconhecido como espírito por ser a Trindade. Esse novo princípio é o eixo sobre o qual gira a história universal. Até aqui, e a partir daqui, desenvolve-se a história. Na Bíblia consta que ‘quando o tempo chegou Deus mandou seu Filho’. (HEGEL, 1998b, p.271).

Tal idéia, a Trindade, não é uma criação exclusiva do cristianismo, embora nesta religião ela seja desenvolvida de forma mais completa. Ela tem equivalentes nas religiões orientais como a Trimurti hindu, a Tríade egípcia Osíris, Ísis e Horus, etc., porém sua especificidade no cristianismo está na idéia de que Deus é único, embora nele coexistam três pessoas numa idêntica substância (*homoousios*), como estabelecido pelo concílio de Nicéia (em 325 d. C)⁸.

O desenvolvimento deste conceito de Deus como Trindade não se deu sem confrontos entre as várias tendências cristãs, entre elas destacam-se a perspectiva grega e a latina, as quais travaram debates acirrados em torno dos conceitos de *substância* e *pessoa* em Deus, conceitos estes fundamentais para a distinção entre a essência de Deus, enquanto ser único, e sua distinção interna, enquanto coexistência de pessoas (Pai, Filho e Espírito).

A concepção hegeliana de Deus liga-se a estas particularidades, ou seja, a de Deus como Espírito (Absoluto) e Trindade. Hegel, para além de Boehme, compreende a Trindade como manifestação do movimento intrínseco do Espírito Absoluto, como sua necessidade interna, que é representado na Religião cristã, a Religião Absoluta ou Revelada, como o universal abstrato na forma do Pai, como particularidade e negação do em si na figura do Filho e, por fim, como universalidade concreta e imanente, que se revela na sua comunidade como Espírito Santo (HEGEL, 1984, vol.3).

8 Cf. Thomas, P.C. *Concílios gerais da Igreja*, São Paulo, Editora Santuário, 1999. Neste livro podemos ver como foi estabelecida a doutrina da Trindade expressa no Credo niceno, contra as heresias de Ário e depois no segundo Concílio geral as de Macedônio e Apolinário.

Deus é Espírito; Deus determinado assim abstratamente como o Espírito Universal que se particulariza, tal é a verdade absoluta, e a religião que possui este conteúdo é a religião verdadeira. Isso é o que na religião cristã se denomina Trindade – o uno e o trino, enquanto se empregam as categorias do número -; se trata de Deus que se diferencia, mas que permanece idêntico a si mesmo; a Trindade se chama mistério de Deus: o conteúdo é místico, quer dizer, especulativo (HEGEL, 1984, p.120).

A Trindade é, pois, o grande elemento especulativo da religião cristã, o qual na perspectiva hegeliana corresponde à representação daquilo que pelo pensamento é o desdobramento necessário do conceito. Este elemento especulativo trinitário já está presente na filosofia anterior ao advento do cristianismo, como a tríade platônica, enquanto Aristóteles diz que cremos haver invocado plenamente aos deuses somente quando os temos invocado três vezes (HEGEL, 1984, p.121). Também encontramos este elemento trinitário em Plotino (Nas *Enéadas*, as três hipóstases: Uno, Nous, Alma) e em Proclo.

Desde os primeiros tratados referentes a Trindade, cada uma destas formas, a do Pai, do Filho e do Espírito, correspondem características (como a de Deus criador, Onipresente, Providência, etc.) e eventos (nascimento, morte, ressurreição, etc.), isto pode ser destacado na compreensão tomista das relações e funções próprias de cada pessoa da Trindade (TOMÁS DE AQUINO, 1988, Parte I, Questões 27 a 43). Estas características pertencem ao reino da representação (*Vorstellung*) religiosa (HEGEL, 1981, p.158), as quais só serão compreendidos conceitualmente pela razão através da Filosofia, que é o saber do todo, a realidade pensada conceitualmente. Segundo Hegel (1996), tanto a religião quanto a Filosofia tem como conteúdo Deus, embora ele seja pensado de forma diferente por cada uma delas.

Na Religião, o Absoluto é representado como já dissemos pelas idéias do Pai, do Filho e do Espírito. Estas figuras representam a absoluta necessidade do conceito em imagens, entre estas podemos exemplificar a figura de Deus Pai como um Deus criador, que remete ao conceito de uma necessária procedência o real a partir daquilo que é a causa e o princípio de todas as coisas. Na figura de Deus Filho, representa-se na forma da encarnação, a diferenciação da Idéia absoluta que se exterioriza na pessoa de Jesus, o qual toma consciência da essência divina, reconciliando assim o Absoluto e a Natureza em sua pessoa, este Deus Filho, ou Cristo, morre e ressuscita para reconciliar a oposição que permanece entre o espiritual e o natural, possibilitando a vinda do Espírito Santo, o qual é a presença universal do Absoluto na comunidade dos membros da igreja. Esta presença permite que a reconciliação feita por Jesus não se reduza a sua pessoa, mas se torne universalidade concreta na comunidade.

Estas imagens não são pensamentos puros, ou a compreensão conceitual de Deus, mas um momento intermediário que ainda está de certo modo preso a imagens e figuras sensíveis. A Filosofia, por sua vez, não representa Deus, mas o pensa através de conceitos puramente racionais, embora estes conceitos já contenham em si os momentos anteriores da sensibilidade e da representação.

A ideia de Trindade é, para Hegel, uma representação (*Vorstellung*) da essência de Deus, enquanto este é um movimento e uma relação de si consigo mesmo, ele é dinamicidade por excelência, sendo uma relação interna em seus momentos distintos, os quais são determinações de sua essência que se desdobra e manifesta-se negando-se a si mesma e se realizando. O Absoluto hegeliano traz em si um momento negativo, o qual o conduz para além de si mesmo.

Considerações finais

Podemos concluir dizendo que, tanto Hegel quanto Boehme são pensadores que perceberam a profundidade do conceito de Trindade como uma forma própria da revelação de Deus, sendo para ambos uma realidade intrinsecamente dinâmica e, que possui uma negatividade interna que produz seu movimento.

Para Boehme, porém, a Trindade revela ainda um aspecto de mistério, ele é o inefável que só pode ser compreendido através de uma revelação, como foi o seu próprio caso. O Deus de Jacob Boehme não é um esquema lógico ou uma razão universal que se desenvolve de forma necessária, mas uma pessoa espiritual, que se revela e se manifesta aos simples de entendimento. Hegel, ao contrário, concebe a absoluta necessidade do conceito, que se manifesta de forma progressiva, superando-se a si mesmo em vista de sua plenitude que se dá apenas no final de todo o processo.

Entender em que sentido Hegel se utiliza os conceitos do sapateiro de Gorlitz para falar sobre o maior mistério do cristianismo só será possível ao adentrarmos nos esquemas racionais que compõem a *Ciência da Lógica* (1812), pois é nesta obra que Hegel expressará mais profundamente a visão especulativa da realidade em todo seu movimento desde o seu momento mais pobre e abstrato, o *Ser* (*Sein*) até chegar ao seu momento mais rico, o *Conceito* (*Begriff*) (HEGEL, 1970).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*, 3 vols, tradução portuguesa Artur Mourão, Lisboa, Edições 70,1970.

_____. *El concepto de Religion*. Tradução castelhana Arsenio Guinzo, México, Fondo de Cultura Económica.1987.

_____. *Escritos de Juventud*. Tradução Zoltan Szankay e José Maria Ripalda, México: Fondo de Cultura Económica. 1998a.

_____. *Lecciones sobre la Filosofia de la Religión*. Tradução castelhana Ricardo Ferrara, Madrid, Alianza Editorial, 3 vols, 1984.

_____. *Introdução a História da Filosofia*. Tradução brasileira Antonio Pinto de Carvalho. In: Hegel, G.W.F. *Os Pensadores*, São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. *Filosofia da História*. Tradução brasileira M^a Rodrigues e Hans Harden, Brasília, Edunb, 1998b.

AGOSTINHO, S. *A Trindade*, São Paulo, Paulus.1994.

BOEHME, J. A *Scritti di Religione*. A cura di Antonio Banfi, Itália: SEAR, 1989.

_____. *Aurora nascente*, tradução brasileira Américo Sommerman, São Paulo: Paulus,1998 a.

_____. *A Revelação do grande mistério divino*. Tradução brasileira Américo Sommermann, São Paulo, Editora Polar, 1998 b.

_____. *A Sabedoria Divina, o caminho da iluminação*. São Paulo, Attar editorial, 1998 c.

DE BONI, L.A (org.). *Idade Média: Ética e política*, Porto Alegre, Edipucrs, 1996.

ELIADE, M. *História das idéias e crenças religiosas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar,1978.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*, I, Madrid, BAC Maior, 1988.

THOMAS, P.C. *Concílios gerais da Igreja*, São Paulo, Editora Santuário,1999.

VVAA. *Hegel e o pensamento moderno*. Lisboa, Editora Rés, sd.